

Índice

Prefácio	9
A Humanidade em Tempos Sombrios: Pensamentos sobre Lessing	15
Rosa Luxemburgo: 1871-1919	45
Angelo Giuseppe Roncalli: Um Cristão no Trono de São Pedro de 1958 a 1963	71
Karl Jaspers: Uma <i>Laudatio</i>	85
Karl Jaspers: Cidadão do Mundo?	95
Isak Dinesen: 1885-1963	109
Hermann Broch: 1886-1951	125
Walter Benjamin: 1892-1940	167
Bertolt Brecht: 1898-1956	223
Waldemar Gurian: 1903-1954	271
Randall Jarrell: 1914-1965	283
Notas Bibliográficas	289

A Humanidade¹ em Tempos Sombrios: Pensamentos sobre Lessing²

I

Uma distinção conferida por uma cidade livre, e ainda para mais um prémio com o nome de Lessing, constitui uma grande honra. Confesso que não sei como me foi dado recebê-lo, e também não foi muito fácil decidir-me a aceitá-lo. Ao dizer isto, posso ignorar totalmente a melindrosa questão do mérito. É neste aspecto que uma distinção nos dá uma inevitável lição de modéstia, porque traz implícita a ideia de que não nos compete a nós julgar os nossos próprios méritos do mesmo modo que julgamos os méritos e as obras dos outros. Nos prémios é o mundo que fala, e se aceitamos o prémio e exprimimos a nossa gratidão, só podemos fazê-lo ignorando-nos a nós próprios e agindo exclusivamente no quadro da nossa atitude para com o mundo, para com um mundo e um público a que devemos o espaço onde falamos e somos ouvidos.

Mas a distinção conferida não se limita a lembrar-nos enfaticamente a gratidão que devemos ao mundo; também nos obriga, e no mais alto grau, para com ele. Uma vez que temos sempre a possibilidade de recusar a distinção, ao aceitá-la não só saímos reforçados na nossa forma de estar no mundo como aceitamos uma espécie de

1 Ao longo deste artigo, a palavra «humanidade» é empregada no sentido do termo inglês *humanity*, «qualidade do que é humano»; para evitar confusões, sempre que possível traduzimos *mankind* por «género humano». (N. T.)

2 Discurso de aceitação do Prémio Lessing da Cidade Livre de Hamburgo.

compromisso em relação a ele. O facto de uma pessoa aparecer em público, e de o público a receber e confirmar, está longe de poder ser considerado natural e garantido. Só o génio se projecta, em virtude dos seus próprios dons, na vida pública, escapando a toda e qualquer decisão deste tipo. Só no seu caso é que as distinções se limitam a prolongar o acordo com o mundo, a conferir um máximo de publicidade a uma harmonia preexistente, que surgiu independentemente de todos os considerandos e decisões, independentemente também de todas as obrigações, como se se tratasse de um fenómeno natural irrompendo na sociedade humana. A este fenómeno podemos, na verdade, aplicar aquilo que Lessing disse, em dois dos seus melhores versos, sobre o homem de génio:

*Was ihn bewegt, bewegt. Was ihm gefällt, gefällt.
Sein glücklicher Geschmack ist der Geschmack der Welt.*

(O que o comove, comove. O que lhe agrada, agrada.
O seu gosto feliz é o gosto do mundo.)

Nada no nosso tempo é mais duvidoso, penso eu, do que a nossa atitude para com o mundo, nada menos garantido do que o acordo, que uma distinção nos impõe e que a sua existência afirma, com aquilo que se manifesta em público. No nosso século até mesmo o génio só se conseguiu desenvolver em conflito com o mundo e o domínio público, embora naturalmente encontre, como sempre fez, a sua forma própria de acordo com o seu público. Mas o mundo não é a mesma coisa que as pessoas que o habitam. O mundo está entre as pessoas, e este espaço-entre é hoje — muito mais do que os homens, ou mesmo o homem, ao contrário do que muitas vezes se pensa — o objecto das maiores preocupações e o domínio das convulsões mais evidentes em quase todos os países do globo. Mesmo onde o mundo ainda se encontra numa relativa ordem, ou é mantido numa relativa ordem, o domínio público perdeu a capacidade de iluminação que originalmente fazia parte da sua natureza própria. São cada vez mais os habitantes dos países do mundo ocidental, que desde o declínio do mundo antigo considerou a liberdade em relação à política como uma das suas liberdades fundamentais, a exercer

esta liberdade, retirando-se do mundo e das suas obrigações para com ele. Este alheamento do mundo não prejudica necessariamente o indivíduo; até pode permitir-lhe cultivar grandes talentos, elevando-o ao grau de génio, e por esse desvio o tornando uma vez mais útil ao mundo. Mas com cada um desses alheamentos verifica-se uma perda quase palpável para o mundo; o que se perde é o espaço-entre particular e geralmente insubstituível que deveria ter-se criado entre esse indivíduo e os seus semelhantes.

Quando assim reflectimos no verdadeiro sentido das distinções públicas e dos prémios na situação actual, vem a propósito dizer que, ao decidir associar o nome de Lessing ao prémio da cidade, o Senado de Hamburgo encontrou uma solução para o problema que é um autêntico ovo de Colombo. Pois Lessing nunca se sentiu bem no mundo do seu tempo e provavelmente nunca nele se quis sentir bem, mas apesar disso sempre se manteve, à sua maneira própria, empenhado no mundo. O público alemão não estava preparado para ele e, tanto quanto sei, nunca o homenageou em vida. Ele, pela sua parte, carecia, na sua própria opinião, dessa concordância feliz e natural com o mundo, combinação de mérito e de sorte que tanto ele como Goethe consideravam ser a marca do génio. Lessing achava que devia à crítica algo que «se aproxima muito do génio» mas que nunca chegava a alcançar essa harmonia natural com o mundo na qual a *Fortuna* sorri quando a *Virtù* aparece. Tudo isso poderá ter sido bastante importante, mas não foi decisivo. Dir-se-ia quase que a dado momento Lessing decidira prestar homenagem ao génio, ao homem do «gosto feliz», preferindo ele próprio, no entanto, seguir aqueles a quem com uma ponta de ironia chamou «os homens sábios» que «fazem tremer os pilares das verdades mais sabidas onde quer que poísem os olhos». A sua atitude em relação ao mundo não foi positiva nem negativa, mas sim radicalmente crítica e, no tocante ao domínio público do seu tempo, absolutamente revolucionária. Mas foi também uma atitude que permaneceu em dívida para com o mundo, que nunca abandonou a terra firme do mundo, e nunca caiu nos extremos do utopismo sentimental. Em Lessing, o temperamento revolucionário associou-se a uma curiosa predilecção pelos pormenores concretos, a que se agarrava com uma meticulosidade extrema, quase pedante, dando origem a muitos mal-entendidos. Um

dos elementos da grandeza de Lessing foi o facto de ele nunca permitir que uma alegada objectividade o fizesse perder de vista a relação real com o mundo e o estatuto real do mundo das coisas ou dos homens que atacava ou elogiava. Isto não melhorou em nada a sua reputação na Alemanha, onde a verdadeira natureza da crítica não é tão bem entendida como noutros países. Os alemães tinham dificuldade em perceber que a justiça pouco tinha que ver com objectividade, no sentido corrente do termo.

Lessing nunca fez as pazes com o mundo em que vivia. Gostava de «desafiar os preconceitos» e «dizer a verdade aos validos da corte». Por muito caro que pagasse tais prazeres, era literalmente de prazeres que se tratava. Uma vez, ao tentar explicar a si próprio a origem do «prazer trágico», disse que «todas as paixões, mesmo as mais desagradáveis, são agradáveis enquanto paixões», pois «tornam-nos... mais conscientes da nossa existência, fazem-nos sentir mais reais». Esta frase evoca irresistivelmente a doutrina grega das paixões, que incluía a cólera, por exemplo, entre as emoções agradáveis, mas colocava a esperança, a par do medo, na categoria dos males. Esta avaliação baseia-se, exactamente como a de Lessing, em diferenças de realidade; não, todavia, no sentido em que a realidade se mede pela força com que a paixão afecta a alma, mas antes pela quantidade de realidade que a paixão lhe transmite. Na esperança, a alma passa por cima da realidade e, no medo, foge dela. Mas a cólera, principalmente o tipo de cólera de Lessing, revela e denuncia o mundo, tal como o tipo de riso de Lessing, em *Minna von Barnhelm*, procura alcançar a reconciliação com o mundo. Esse riso ajuda-nos a encontrar um lugar no mundo, mas ironicamente, ou seja, sem lhe vendermos a alma. O prazer, que é fundamentalmente uma consciência mais intensa da realidade, nasce de uma abertura apaixonada ao mundo, do amor ao mundo. Nem mesmo a noção de que o homem pode ser destruído pelo mundo consegue depreciar o «prazer trágico».

Se a estética de Lessing, por oposição à de Aristóteles, vê no medo uma forma de piedade, a piedade que sentimos por nós próprios, o motivo talvez seja que Lessing procura retirar ao medo o seu aspecto de escapatória por forma a poder conservá-lo enquanto paixão, ou seja, um afecto em que somos afectados por nós próprios tal

como no mundo somos geralmente afectados pelas outras pessoas. A isto está intimamente ligado o facto de para Lessing a essência da poesia ser a acção e não, como para Herder, a força — «a força mágica que me afecta a alma» —, nem, como para Goethe, a natureza a que se deu forma. Lessing não se interessava pela «perfeição da obra de arte em si», que Goethe considerava ser «o requisito eterno, indispensável». Interessava-lhe, isso sim — e neste ponto está de acordo com Aristóteles —, o efeito sobre o espectador, que por assim dizer representa o mundo, ou antes, esse espaço mundano que surge entre o artista ou o escritor e o seu semelhante como um mundo comum a ambos.

Lessing viu o mundo através da cólera e do riso, e cólera e riso são por natureza parciais. Por isso, não pôde ou não quis julgar a obra de arte «em si», independentemente do seu efeito no mundo, e por isso pôde atacar e defender nas suas polémicas consoante a forma como o assunto em causa era avaliado pelo público, independentemente do seu grau de veracidade ou falsidade. A afirmação segundo a qual preferia «deixar em paz aqueles em quem toda a gente bate» não foi em Lessing uma mera fórmula de cavalheirismo; foi também uma preocupação, que nele acabou por se tornar instintiva, com a justeza relativa de opiniões que por bons motivos se vêem preteridas. Assim, mesmo no debate sobre o cristianismo, Lessing não adoptou uma posição fixa. Pelo contrário, como uma vez disse, com admirável conhecimento de si próprio, tanto mais instintivamente duvidava do cristianismo «quanto mais irrefutavelmente alguns tentam provar-mo», e tanto mais instintivamente procurava «preservá-lo no [seu] coração» quanto mais «brutal e triunfantemente outros se esforçavam por calcá-lo aos pés». Mas isto significa que, enquanto os outros discutiam a «verdade» do cristianismo, ele defendia antes de mais o lugar do cristianismo no mundo, ora receoso de que este tentasse de novo fazer valer as suas pretensões dominadoras, ora temendo que desaparecesse por completo. Lessing foi de uma lucidez notável quando observou que a teologia iluminista do seu tempo, «a pretexto de fazer de nós cristãos racionais, está a transformar-nos em filósofos extremamente irracionais». Esta clareza não derivou apenas de uma tomada de posição a favor da razão. A preocupação fundamental de Lessing em todo este debate

foi a liberdade, muito mais ameaçada por aqueles que pretendiam «obrigar à fé por meio de provas» do que por aqueles que consideravam a fé um dom da graça divina. Mas além disso, havia a sua preocupação com o mundo, onde pensava que tanto a religião como a filosofia deviam ter o seu lugar, mas lugares diferentes, por forma a que de ambos os lados da «divisória... cada uma delas possa seguir o seu caminho sem estorvar a outra».

A crítica, no sentido de Lessing, toma constantemente partido do ponto de vista do mundo, entendendo e julgando tudo em termos do seu lugar no mundo em dado momento. Tal mentalidade nunca poderá dar origem a uma visão do mundo bem definida que, uma vez adoptada, se torne imune a ulteriores experiências no mundo porque se agarrou firmemente a uma das perspectivas possíveis. Bem precisamos de que Lessing nos ensine este estado de espírito, e o que nos torna a aprendizagem tão difícil não é a nossa desconfiança em relação ao Iluminismo ou à fé do século XVIII na humanidade. A barreira que se ergue entre Lessing e nós não é o século XVIII, mas o século XIX. A obsessão oitocentista pela história e pelo empenhamento ideológico ainda ocupa um lugar tão importante no pensamento político do nosso tempo, que tendemos a não dar o menor crédito a um pensamento inteiramente livre, que não recorra às muletas da história nem da lógica coerciva. Ainda reconhecemos, é certo, que o pensamento não só requer inteligência e profundidade como, acima de tudo, coragem. Mas surpreende-nos profundamente que, na sua tomada de partido pelo mundo, Lessing fosse ao ponto de lhe sacrificar até mesmo o axioma da não-contradição, a exigência de coerência consigo mesmo, que consideramos obrigatórios para todos quantos escrevem e falam. Foi com toda a seriedade que ele afirmou: «Nenhum dever me obriga a resolver as dificuldades que crio. Possam as minhas ideias ser sempre um tanto desconexas, ou mesmo contradizer-se aparentemente umas às outras, desde que sejam ideias onde os leitores encontrem material que os leve a pensar por si próprios.» Lessing não só não queria que ninguém o coagisse, como também não queria coagir ninguém, nem pela força nem através de provas. Considerava que a tirania de quantos procuram dominar o pensamento através de raciocínios e sofismas, por meio de uma argumentação coerciva, era mais perigosa para a liber-

dade do que a ortodoxia. Acima de tudo, nunca se coagiu a si próprio, e em vez de fixar a sua identidade na história com um sistema perfeitamente coerente, espalhou no mundo, com pleno conhecimento de causa, «simples *fermenta cognitionis*».

Assim, o famoso *Selbstdenken* de Lessing — pensamento independente, de cada um por si — está longe de ser a actividade de um indivíduo fechado, integrado, organicamente desenvolvido e cultivado que em seguida, por assim dizer, olhasse à sua volta para ver qual seria no mundo o lugar mais favorável ao seu desenvolvimento, permitindo-lhe harmonizar-se com o mundo por intermédio do pensamento. Para Lessing, o pensamento não nasce do indivíduo e não é a manifestação de um eu. Se o indivíduo — que Lessing diria ter sido criado para a acção e não para o raciocínio — escolhe o pensamento é porque descobre no acto de pensar uma outra forma de se mover livremente pelo mundo. De todas as liberdades particulares que podem vir-nos ao espírito quando ouvimos a palavra «liberdade», a liberdade de movimento é historicamente a mais antiga e também a mais elementar. Podermos partir para onde quisermos continua a ser o gesto protótipo da liberdade, tal como a restrição da liberdade de movimento é desde tempos imemoriais a condição prévia da escravização. A liberdade de movimento é também condição indispensável da acção, e é antes de mais na acção que os homens experimentam a liberdade no mundo. Quando se vêem privados do espaço público — que se constitui através da acção em comum e depois se preenche espontaneamente com os acontecimentos e episódios que vão dar origem à história —, os homens refugiam-se na sua liberdade de pensamento. Trata-se, é claro, de uma experiência muito antiga. E Lessing parece ter sido obrigado a um recuo deste tipo. Quando ouvimos falar de um tal refúgio na liberdade de pensamento, fugindo à escravidão no mundo, lembramo-nos naturalmente do modelo estóico, porque historicamente foi ele o mais eficaz. Mas, para sermos exactos, teremos de dizer que o estoicismo representa menos um recuo do campo da acção para o do pensamento do que uma fuga do mundo para o eu que, segundo se espera, será capaz de se sustentar a si próprio numa independência soberana em relação ao mundo exterior. Não encontramos nada de semelhante no caso de Lessing. Lessing refugiou-se no pensamento,